

*Galiza, tu também és de pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra¹*

...

*O teito é de pedra.
De pedra são os muros i as tebras.
De pedra o chão i as grades,
As portas, as cadeias, o ar, as janelas,
as olhadas, são de pedra².*

Chove sobre os olhos pedra,
sobre os muros e as paredes cai a pedra.
Os peitos são de pedra, de pedra os sorrisos, de pedra os teclados, de pedra.
Preta é a pedra de sombras baixo as pedras,
o chão também está feito de pedra,
de pedra as mãos e os livros, de pedra.
De pedra é o tempo, de pedra é a luz.
As sereias também são de pedra.

No tempo das democracias sonhadas
nos cárceres do pensamento os relógios são de pedra,
de pedra os frios corações despedaçados sobre os conceitos,
de pedra o crime e as ideias também de pedra.
De pedra as mortes, e as torturas, de pedra.

De pedra os noticiários, os jornais, as revistas, de pedra.
O shopping, as aulas, as cadeiras e as esquinas são de pedra.
Os povos perdidos na origem dos tempos,
Galiza, tu também és de pedra,
de pedra os teus sonhos sobre as acácias também de pedra.
De pedra as mulheres e os homens.

Algumas crianças são também feitas com pedra.
Com o sorriso desdebuçado de uma civilização amnésica,
sepultada baixo a pedra.
De pedra as cabeças das gentes desta terra de pedra.

E eu morrendo, nesta extensa noite de pedra.

1 Carlos Drumond de Andrade.

2 Celso Emilio Ferreira. *Longa Noite de Pedra*. O texto de Celso Emilio já recolhe a referência a Carlos Drumond de Andrade